Anno 4.º — DOMINGO 23 DE ABRIL DE 1911 — N.º 17

CORREIO DE VOUGA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—*José Ferreira de Magalhães*

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Deixe-me abrir uma excepção: hoje, fallarei da politica do nosso paiz. Desde o *cinco de outubro*, faço-o, se bem me lembro, pela segunda vez. Não é este o assumpto que me apaixona, embora me interesse grandemente o destino da minha patria. E é mesmo este interesse que me obriga a infringir os meus habitos.

A obra dos homens, que governaram o paiz nos ultimos annos da monarchia, é o documento insofismavel da sua absoluta incapacidade politica, administrativa e moral. Seriam alguns, pelo menos, excellentes creaturas, pessoalmente considerados; mas, desde que assumiam funcções politicas, ou as abandonavam logo, se queriam continuar a ser considerados honestos, ou então passavam, e quasi sempre com justiça, á categoria de pessimos, se não criminosos administradores.

Desde que se descobriram os *adeantamentos* não houve mais um portuguez intelligente e sincero que applaudisse a monarchia. Todos anciavam por se libertarem d'ella, e a proclamação da Republica foi recebida com enthusiasmo por uma grande parte do paiz e sem protesto pela restante.

Parecia que ninguem mais pensaria n'uma restauração monarchica e que todos tinham as suas esperanças no novo regimen e nos seus homens.

Assim devia ser. Mas, em breve, começaram rumores de conspirações e, ultimamente, é este o assumpto que preoccupa e absorve a maior parte dos espiritos. O Governo, talvez por isso, não poude dar ainda aos cidadãos da nova Republica todos os direitos que um regimen democratico garante. Continuamos no chamado periodo revolucionario. A um mez, creio eu, do acto eleitoral, e ainda não foi auctorisado o reapparecimento dos jornaes violentamente suspensos, violencia, aliás, provocada por elles. Que eu saiba, não tentaram ainda os monarchichos fazer, pelo comicio, propaganda eleitoral. Mas, que o tentassem, não lh'o consentiriam.

Processos são estes de que o Governo lança mão para abafar e inutilisar os elementos que actualmente lançam a perturbação no paiz. Os elementos que, não sei se conscientemente, querem provocar uma intervenção estrangeira.

Eu não acredito, não quero mesmo acreditar, que se prepare e que possa realisar-se uma contra-revolução. Não o quero acreditar, para não ter de pensar dolorosamente no periodo de desordem e de angustia que se abriria para esta patria e que terminaria, talvez, pela perda da sua independencia.

Mas não deixarei de pensar no mal que causam os insistentes boatos de que se conspira. E não posso, antes que queira, esquecer-me d'um dos maiores dos suppostos conspiradores — o militar Paiva Couceiro. E não posso esquecer-me d'elle, porque tambem não sei desculpar a attitude do Governo perante o seu procedimento.

Paiva Couceiro era um homem de prestigio e considerado como um militar honrado. Pertence ao limitadissimo numero dos que se mostraram leaes e se sacrificaram pelas antigas Instituições—e o Paiz e o Governo apreciavam os seus actos. O Governo, pelo menos, manifestou-lhe esse apreço, não lhe concedendo a demissão que elle insistentemente pediu.

Mas Paiva Couceiro, em breve, pagou estes beijos com couces. Reconhece, e affirma-o perante o Ministro da Guerra, que a Hespanha tem «má vontade activa e declarada» contra a nova Republica, e acolhe-se á sua bandeira e sob ella começa a conspirar contra as instituições do seu paiz.

Eu não comprehendo por que Paiva Couceiro não foi immediatamente preso, mal acabou de pronunciar perante o coronel Barreto, titular da pasta da guerra, as seguintes palavras que acabo de lêr no jornal do Ministro do Interior as quaes são d'um atrevimento inexcedivel e se não revelam desequilibrio mental, constituem um grande crime de lesa-patria:

"Coronel, isto vae mal e já não tem remedio senão com a restauração monarchica; queira o governo provisorio entregar-me o poder, porque eu sou o unico homem capaz de o tomar n'este momento, e eu o declinarei em D. Manuel, mediante uma amnistia e a remuneração de alguns empregos publicos para os republicanos; de contrario virá a administração estrangeira liquidar a patria portugueza, porque (textualmente): *estou convencido de que a integridade da Patria incorre no momento em riscos graves e imminentes... e—se encontram suscitadas, contra nós, as más vontades activas e declaradas, —da Hespanha a quem incommoda e contraria a visinhança proxima d'irrequietismos suggestivos dentro d'instituições diversas das suas, —e da Allemanha que julga azado o ensejo para a partilha do nosso dominio colonial.,,*

Repito: não percebo por que o auctor d'estas palavras não foi immediatamente preso, mal as pronunciou. Por muito menos, incomparavelmente menos, estão sob ferros, outros, sem nome, sem prestigio, e que, portanto, poucos receios podiam inspirar, mesmo que tivessem a velleidade de querer sentar, outra vez, no throno, o snr. D. Manuel de Bragança.

Mas esta vae muito longa e, que não fôsse, eu não tinha tempo para mais. Deus sabe quanto sacrificio eu fiz para escrever o que ahi fica.

Seu do coração,

A. B. C.

O ENSINO SECUNDARIO DO SEXO FEMININO

Transcrevemos do *Primeiro de Janeiro* o seguinte artigo da notabilissima romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

No ultimo dia do mez passado —termo final do semestre de inverno—fui chamada para assistir a duas festas escolares. Como infelizmente coincidissem, não pude tomar parte na do Collegio allemão, celebrada no Salão Nobre do Club da Colonia, conforme promettera ao prestantissimo director, Dr. Alexandre Geis.

Accudi á outra, muito mais intima, realisada na residencia de D. Anna Luiza Altmann Rodriguez de Freitas, na salinha de estudo onde ella costuma receber todas as sextas-feiras as suas discipulas e ex-discipulas, afim de trocar com ellas impressões ácerca dos acontecimentos da semana, os trabalhos de que se occuparam, e os livros que leram, dando-lhes novas directivas, o que sempre representa um bom exercicio de conversação allemã.

De proposito entrei cedo nesse recinto consagrado (verdadeiro jardim florido), ao qual se liga a inolvidavel lembrança do dia em que o povo o invadiu para silenciosamente prestar a ultima homenagem de respeito ao caracter integro do homem de bem que fôra o primeiro e mais nobre representante republicano da cidade do Porto.

Meu fim era tomar alguns apontamentos a respeito de diversas senhoras e meninas que actualmente estudam a lingua de Goethe e que provavelmente appareceriam, porque, afeiçoada a várias já de longa data, nunca me avistara com outras. Mas como eu perguntasse logo ao principio, quantas seriam por junto as que até hoje lucraram com as excellentes lições theoricas e práticas de D. Luiza, durante os quinze annos de solidão em que ella se dedicou ao ensino secundario, sem nunca se subtrair a essa nobre missão, nem mesmo em férias estivaes de repouso—ella que julgava que as suas forças (ou fraquezas) phisicas e psichicas não resistiriam ao abalo soffrido, nem ás exigencias do officio,—a nossa conversa restringiu-se a uma breve resenha de nomes, rememoração de factos, e datas, e affectuosa lembrança das ausentes.

Em primeiro lugar saudámos, commovidas, as que a sorte avára cortou antes de tempo (D. Bertha de Albuquerque, D. Amelia Tasso, D. Dorothea Pinto Leite, D. Maria Olympia e Alice Macambira), sem esquecermos o filho mais novo do sr. Ireneo Paez; e constatámos com justo e piedoso orgulho, quanto o trato intimo com espiritos superiormente bons da nossa nação, as havia consolado, avigorando-lhes a alma e o intelecto.—Falámos das que casaram e se esforçam agora a cumprir bem os seus multiplos deveres familiaes como esposas, donas de casa, enfermeiras na occasião, mães educadoras solicitas dos filhinhos que criaram e aos quaes tentam incutir desde o berço costumes sãos, amor do trabalho, e mais principios eticos que, semeados nas almas infantis, hão-de fructificar na edade madura. Mencionámos D. Beatriz Megre e sua irmã D. Laura, D. Amanda Dubini, D. Maria Arcellina Moreira Paez, D. Adelaide de Souza Chambers, D. Maria Adelaide Barbosa Martins, D. Leonilda Moreira de Sá (com muito pezar pelo triste accidente de outra dia), e D. Hilca Lamarão Seguier Sarsfield, que já pensa em chamar para o seio da familia, uma Jardineira profissional de Hamburgo, não para se subtrair ás suas obrigações, mas para acostumar a filhinha cedo á boa higiene do corpo e da alma, que emana os exercicios froebelianos assim como da poesia e do canto infantil germanico. Falámos tambem das que ainda solteiras, tem occasião de cultivar os seus talentos (como D. Felicidade e Ismalia Moreira de Sá), ou de alargarem o seu horisonte, occupando-se de artes, lettras e sciencias em viagens repetidas ao estrangeiro (como D. Guilhermina Velloso). —Referimo-nos com carinho a D. Rachel da Cunha que se dedicou ao magistério, como professora particular, rompendo—(fragil de corpo mas forte de espirito)—com o tradicional dogma rotineiro que a menina portugueza não tem solidez e soberania de caracter, nem disciplina moral e mental sufficiente para ensinar methodicamente, como as estrangeiras: e para ir onde quer desacompanhada, responsavel pelos seus actos.

Passáramos a constituir a lista das que, sem serem profissionaes, já haviam transmittido ou iam transmittindo o que aprenderam a irmãs mais novas (como D. Beatriz Megre, e D. Maria Henriquez), ou mesmo a parentes do sexo forte (como D. Zaira Carneiro), não desdenhando o dever social de ensinar o *abc* a serviçaes analphabetas. E principiamos a elaborar tambem o rol, ainda curto, das que nacionalizaram prosas e versos de engenhos de fama universal, ou estilizaram pequenos ensaios da sua lavra sobre problemas sociaes, quando as visitantes começaram a entrar, duas a duas, ou tres a tres.

Claro que então conversei com cada uma, á medida que minha amiga m'as apresentava. Recebendo um telegrama, avisou-me de que trez senhoras ilustradas, que dispõe de um pecúlio consideravel de noções de artes, letras e sciencias, não poderiam comparecer, retidas em casa por occupações domesticas ou impedidas por doença. Só ouvi que D. Victoria Rodriguez de Oliveira, e suas cunhadas D. Aurora Coelho de Oliveira e Sara Braga d'Oliveira fizeram progressos rapidos, em virtude da energia da sua vontade e grande paixão de saber.

As mais avançadas que já terminaram o seu curso ha annos, dedicam-se agora a estudos especiaes, superiores. Com quanto naturalmente não lhes repugne de modo algum a leitura de romances, novelas, dramas, poesias de verdadeiros mestres, nem tão pouco diarios politicos illustrados, meditam de preferencia sobre themas éticos e de philosophia moral.

Tanto Anita Fiorentini como Maria Henriquez internaram-se na floresta mágica das ideias de Nietzsche — cujo estilo originalissimo, —producto maravilhoso de germens biblicos, helénicos romanticos, goethianos, heinianos e wagnerianos, não póde ser traduzido, sem que se lhe roube o quente e doce rithmo undulatório, e musical que o distingue entre todos.

Anita lê *Jenseits von Gut und böse—Au delá du Bien et du Mal*, e exulta com a guerra sem mercê que o evangelista do *Supra-homem* promove impiedosamente a todas as mentiras, todas as oucas exteroridades, todos os dogmas ossificados do cristianismo official, tão afastado da sua pureza originaria.

Maria encontra no *Zaratustra* (*Also sprach Zaratustra*) fontes de nobre enthusiasmo. Os seus olhos grandes e profundos dilatam-se com prazer quando cita textualmente os trechos que mais a impressionaram, contando-me como cada manhã, ao acordar preliba as sensações que lhe ha de proporcionar o empolgante *páthos* dos sublimados *Sermões da Montanha* do poeta-profeta, dos seus ditirambos sobre o amor, ou das suas visões relativas a educação futura da mocidade, peripateticamente, em bellos claustros ou no meio de florestas sombrias, á maneira de Aristóteles, Platão e Sócrates.

(Continúa)

D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Toda a correspondencia déve ser dirigida para o director do jornal—R. de S. Miguel, 36—Porto.

SECÇÃO LITTERARIA

Cantigas p'ra a voz d'Emilia

N'uma voz que inda me encanta,
Ouvi dizer, ao luar,
«Quem canta seu mal espanta»
E puz-me então a cantar.

Que importa p'ra o teu ciume
Que outra mulher me beijasse?
Passei seu beijo p'lo lume,
E' mais um p'ra a tua face.

A tua bocca é tão bella!
Se m'a deixasses beijar,
Faria d'ella uma estrella
Que apagaria as do ar!

Penso olhando os olhos teus
Que quem tem olhos assim,
Quando os não volve p'ra Deus,
Só deve erguel-os p'ra mim.

Deus, que nos vê lá de cima,
Alma d'esta alma, querida,
Juntou-nos, somos a rima
Da linda quadra da vida.

Dá-me os teus labios n'um riso,
Assim, deixamos beijar...
E' tão pertinho o paraiso!
Custa tanto a lá chegar!

Pedi ao ceu as estrellas
P'ra ver se me dava ou não,
Com a luz que existe n'ellas,
A altura a que ellas estão!

Queria-me eu perdoado...
Respondeste-me meu Bem:
— Será sempre castigado
Quem puzer fé em alguem!

A minha alma anda tão triste
Como eu já disse e... não sei!
Será Deus que não existe
Ou eu que o não mer'cerei?

Meu coração, morre breve!
Alma, vê se te acommodas!
Só com lagrimas se escreve
E ha muito que as chorei todas!

E passo a vida tristonho
A cantar por não saber
Se a vida está só no sonho
E a realidade em morrer.

Não é o amor—quem o sonda?—
Tal como o rio a passar;
O amor é como a onda,
Foge mas torna a voltar!

Se me quer's e se eu te quero,
Que o mundo falle meu Bem!...
Um amor quando é sincero
Não deve nada a ninguem.

Põe no meu peito a tua mão
Para que Deus me não mate!
Ai! bate-me o coração...
Até o pobre me bate!

Não chores mais, minha Amiga,
E' preciso reparar,
Pranto com pranto não liga,
Ri tu que eu fico a chorar.

Fausto Guedes Teixeira.

De «O Meu Livro».

A separação da egreja do Estado

Está publicada a lei de separação da Egrêja do Estado. E' um documento muito extenso de que publicamos o seguinte extranho:

Liberdade de crenças—Culto domestico e culto publico

A Republica reconhece e garante a liberdade de crenças a portuguezes e estrangeiros. Faz uma distincção entre as formas do culto — dividindo-o em culto domestico e culto publico. O domestico é completamente livre. O publico depende de certas restrições, os que o perturbarem sujeitam-se ás penalidades da lei, e deve subordinar-se ás condições legaes do direito de reunião — não exigindo, porém a participação respectiva á auctoridade.

Os edificios destinados ao culto podem conservar a forma exterior de templos.

As corporações encarregadas do culto—A beneficencia — As cerimonias religiosas

O capitulo segundo trata das entidades e corporações encarregadas do culto.

Essas entidades são, em cada freguezia, de preferencia as misericordias ou outra corporação com individualidade juridica. E na falta d'estas uma confraria ou irmandade, sempre sob a fiscalisação da junta de parochia, não podendo os ministros da religião fazer parte da direcção quer das juntas de parochia, quer das outras corporações encarregadas do culto.

A lei estabelece as condições em que podem ser alienados os bens destinados ás reuniões do culto.

Um terço dos rendimentos das corporações destinadas a sustentar o culto **será sempre applicado a actos de beneficencia e assistencia** e não lhes será permittido intervir na educação e instrucção e apenas organisar o ensino religioso sob a vigilancia das auctoridades publicas.

Regula se tambem o culto publico dentro dos templos, que será sempre exercido desde o nascer ao pôr do sol — não dependendo, nesses templos, de auctorisação alguma e podendo apenas o Estado fazer-se alli representar por um funccionario administrativo ou judicial nomeado pelos presidentes das Relações de Lisboa e Porto, e nas restantes comarcas pelo juiz de direito—quando isto fôr pedido pelo menos por vinte cidadãos da respectiva parochia.

As reuniões do culto, nestas condições, não podem ser dissolvidas, havendo penalidades correspondentes a qualquer abuso.

Regulam-se tambem as cerimonias do culto fóra dos templos, permittindo-se as procissões e as honras funebres, sobre certas condições.

Os bens dos parochos — Os paços episcopaes e os seminarios

Relativamente á propriedade e encargos dos edificios e bens dos parochos, preceitua a lei que as cathedraes, egrejas e capellas que têm servido ao exercicio publico do culto catholico, assim como os objectos mobiliarios que as guarnecem serão, na medida do strictamente necessario, cedidos gratuitamente, e a titulo precario do Estado, ou pelo corpo administrativo local que d'elles fôr proprietario, á corporação que ficar encarregada do respectivo culto.

Todos os bens mobiliarios e immobiliarios até agora destinados ao culto são considerados pertença do Estado, a não ser que sejam propriedade particular bem determinada. Esses bens serão inventariados por uma commissão composta do administrador do concelho, do escrivão de fazenda e de um homem—bom de cada parochia creando-se em Lisboa uma commissão central chamada de execução da lei de separação.

Os presbiterios, paços episcopaes e os seminarios podem ser concedidos — aquelles para os parochos e prelados em exercicio e estes para o ensino theologico, mas mas só em Braga, Porto, Coimbra, Lisboa e Evora, sem pagamento algum de renda.

Os padres doutorados no estrangeiro—Pensões aos secerdotes

Os padres doutorados pelas universidades pontificias estrangeiras não poderão exercer o seu ministerio sacerdotal em Portugal.

Serão concedidas pensões a todos os ministros da religião catholica, que forem cidadãos portuguezes, e que á data da promulgação da republica exerciam funcções ecclesiasticas nas parochias ou catedraes. Essa pensão será concedida em attenção ás circumstancias da edade, fortuna pessoal, custo da vida, congrua arbitrada, rendimento liquido nos ultimos dez annos, tempo de exercicio, prestações pagas para a caixa das aposentações, situação de porvido definitivamente, apresentado, encommendado, provido ou coadjuctor, vantagem material resultante da occupação do presbiterio, havendo-o, area e densidade da população e importancia das benesses a receber.

Esta pensão será arbitrada por uma commissão, em cada capital de districto, composta do presidente da Relação, em Lisboa e Porto, e pelo juiz de direito nas outras capitaes, pelo delegado do thesouro, pelo secretario geral do governo civil, pelo reitor do lyceu e por um padre nomeado pelos collegas do respectivo cistricto

Perante esta commissão poderá fazer se qualquer especie de prova, quer a requerimento do M. Publico quer a requerimento dos interessados—que se podem fazer representar por advogado, havendo sempre recurso para uma commissão com séde em Lisboa e composta do presidente do Supremo Tribunal, secretarios geraes do ministerio da justiça e finanças, director d'um instituto superior de ensino em Lisboa e um representante d'um ministro da religião.

As pensões — Os legados pios e as missas - A bulae o funccionamento dos seminarios

Estabelecem-se os casos em que os pensionistas podem perder a pensão. E esta pensão passa em parte ainda para os paes do pensionista, se ainda existirem em tempo d'este, ou para a viuva e filhos legitimos ou illegitimos.

Estabelecem-se tambem os casos em que podem ser auctorisados os legados pios e as missas; outros suffragios, legalmente auctorisados, e que só podem ser feitos pelos ministros da religião portugueza e ordenados em Portugal.

Continúa a não ser permittida a publicação de quaesquer bullas, determinações da curia romana ou outras entidades sem o beneplacito. E os estudos preparatorios para o curso theologico só podem ser feitos nos lyceus.

O governo remodelará ainda a administração da junta geral da bula da cruzada. E poderá sempre fiscalisar o funccionamento dos seminarios, nomeação de professores e empregados e approvação dos livros nos seminarios.

NOTICIARIO

Fallecimento — Falleceu na sua casa de Barrô (Agueda) o sr. dr. Matheus Pereira Pinto, medico distinctissimo, que era muito considerado n'aquelle concelho que por mais d'uma vez administrou.

O extincto militou sempre no partido progressista, dando na vida politica, como na particular, provas de um bello caracter. Sentimos profundamente a sua morte e enviamos sinceros pesames a toda a sua familia, especialmente ao seu filho sr. dr. Antonio Breda, medico muito illustrado e sabedor e democrata considerado.

Deputados por Lisboa —Segundo annunciam os jornaes, as commissões republicanas de Lisboa já escolheram os candidatos a deputados que serão propostos pelos dois circulos e que são os seguintes: pelo circulo oriental — dr. Affonso Costa, dr. Bernardino Machado, dr. Innocencio Camacho, dr. Sebastião de Magalhães Lima, dr. Affonso de Lemos, Anselmo Braacamp Freire, Antonio Ladislau Parreira, Arthur Luz d'Almeida e José Affonso Palla, e pelo occidental — Alexandre Braga, Theophilo Braga, João de Menezes, Coronel Xavier Barreto, Machado dos Santos, Alfredo de Magalhães, Capitão-tenente João Carlos Maia, Capitão de mar e guerra Azevedo Gomes, José Barbosa e Botto Machado.

Carreiras de paquetes de Lisboa a Nova-York —O sr. Ministro do Fomento mandou abrir concurso para o estabelecimento da linha de paquetes de carreiras regulares de Lisboa a Nova-York, com escala obrigatoria e alternada em Ponta Delgada ou Angra e Horta. As carreiras deverão inaugurar-se em junho do corrente anno.

João Chagas—Partiu para Paris, a tomar posse do seu logar de Ministro de Portugal naquelle paiz, o illustre homem de letras sr. João chagas.

José Luciano de Castro — Tem passado bastante doente o sr. José Luciano de Castro.

Revolta de seminaristas—Na noite do dia 18 revoltaram-se os seminaristas do Collegio das Missões Ultramarinas em Sernache do Bomjardim. Partiram os vidros das janellas, quebraram os candieiros, cortaram o gaz, deram morras aos professores e obrigaram estes a fugir pelas janellas.

Reforma dos estudos juridicos — O «Diario do Governo» do dia 20 publicou um decreto reformando os estudos juridicos. Por falta de espaço, e porque ella é muito extensa, não podemos publicar sequer o seu resumo.

Naufragio — O paquete «Lusitania», da Companhia Nacional de Navegação, encalhou no Cabo da Boa Esperança, ficando completamente perdido. A tripulação e os passageiros salvaram-se, á excepção, crêmos nós, d'uma mulher.

Corre por aqui o boato de que entre os passageiros vinham de Lourenço Marques o nosso

O Padre Simões

O PATAGONIA

Era o typo mais bizarro de Coimbra, seja pelo lado intellectual, seja pelo physico.

Se Victor Hugo tivesse conhecido o Simões quando compoz a sua Nôtre-Dâme-de-Paris, teria tido á mão o seu—*Quasimodo!*

O Simões era baixo e redondo por todos os lados; visto de perfil tinha duas barrigas ou dois trazeiros. Era uma posta de carne informe; a enorme cabeça coberta de pellos assanhados, verdadeiras cerdas de porco espinho, formavam na frente, sobre a testa, um topete de pôpa, que ia morrendo sobre o cachaço vermelho, lizo, muito saliente e por isso formava fundas dobras de encontro á cabeça. As pernas curtas e gordas, eram arrematadas por dois pés redondos, muito approximados á forma do casco de cavallo; quando andava, gingava para os lados, afim de levantar a pata, que assentava por em cheio no chão. A cara era enorme e muito, mas muito parecida com uma batata ingleza; trazia toda a barba raspada á navalha, deixando vêr beiços grossos, armando uma bocca de arraia, os olhos eram pequeninos, pardos, semi-cerrados com o pezo gorduroso das palpebras e sobrancelhas; o nariz era chato, arrebitado na ponta rombuda, arrastando ao alto azas nazaes, que, de viagem se encaminhavam para as colossaes orelhas cobertas de pellos avermelhados, debruçadas sobre o chão, em eterna despendura.

Este retrato está um pouco favorecido, mas, está exacto.

Imaginem um porco em pé!

Ahi está o Simões!

Naquelle tempo era materia corrente, que sujeito estupido ia para padre. O Simões, compenetrado de esta lei natural, tomou ordens, abriu corôa e *padrou-se,* maximé depois que havia esbarrado de encontro á mathematica, que nunca pôde comprehender, achando que era um estudo muito *besta.*

Seja como fôr, era lente no Lyceu de Coimbra, ensinava latim e diga-se com justiça—era bom latinista.

Esta nomeação tem sua explicação. O estudante que não tinha exame algum, tinha o nome de—*bicho.*—Como o Lyceu era a casa dos *bichos,* ficou sendo o—*Pateo dos bichos.*

Ora o Simões sendo uma formidavel *Zebra,* foi mandado para alli tendo por bedel o *Boi.*

Sim; os animaes entendem-se uns com os outros e assim era.

O exame de latim era o mais difficil de Coimbra, porque alli, sujeito que o não souber, não dá um passo; dissertações, compendios, expositores, tudo é latim e não ha que fugir-lhe.

Estudante approvado em latim, em Coimbra, sabe latim.

Cumpria, pois, ganhar as boas graças do Padre Simões, que isso comprehendendo, tratou de explorar o váu.

Era, pois, explicador de todas as materias do curso de humanidades, menos de Geometria, que elle nunca pôde comprehender.

O Simões era de paternal benevolencia para com seus explicandos ou pensionistas, visto que tambem tinha pensão administrada por M.me Michaela, a Dulcinéa do Simões.

Assim, quem queria obter favores do Simões, matriculava-se em qualquer de suas explicações, largando-lhe a mensalidade de 2$400 rs., meia moeda, ou tomava pensão, o que era ainda melhor; caso cahisse nas boas graças da Michaela, tinha na compleição adiposa dois Simões... era um gigantesco ôdre de azeite.

O P.e Simões tratava os discipulos por—*Moinantes*—e fazia umas traducções muito pittorescas: por ex.:—*Anguis sub herba latebate:*—*Estava uma serpente alapardada debaixo da-i herba. Et jam, jam manu petebat:*—*E a quasi que lhe deita ò gatasio*... e muitas outras.

Na analyse, se o rapaz não achava o complemento ou o attributo, elle guiava-o: — Olha o *berbo,* Moinante; elle está mesmo á beira do *berbo;* olha que tropicas nelle e mettes-lhe as ventas atraz... Isso, isso mesmo.

Era o explicador de maior numero de alumnos, que mais dinheiro ganhava, nada sabendo do que explicava, excepção do latim.

presado conterraneo snr. Clemente Nunes de Carvalho e Silva e a sua esposa, morrendo esta afogada. De todo o coração desejamos que esta dolorosa noticia não se confirme.

Alferes Malheiro—Chegou a Lisboa o alferes Malheiro, que tomou parte na Revolução de 31 de Janeiro e que desde então se encontrava no Brazil.

Manifesto do partido republican—O Directorio do partido republicano portuguez publicou um manifesto, explicando o valor e importancia das côrtes constituintes e pondo em relevo as vantagens da concorrencia á urna.

Constituição Universitaria—O *Diario do Governo* publicou hontem um decreto, estabelecendo a organisação da antiga Universidade de Coimbra e das Universidades de Lisboa e Porto, recentemente creadas. E' um diploma muito extenso, e por isso, na impossibilidade de o publicarmos na integra, limitamo-nos a registar a parte que diz respeito aos estudos que serão professados em cada uma d'ellas.

Universidade de Coimbra

Art. 3.º—A Universidade reformada de Coimbra compreende:

a) Uma *Faculdade de Sciencias* destinada ao ensino superior e geral das sciencias mathematicas, phisico-chimicas e historico-naturaes, e uma *Faculdade de Letras* destinada ao ensino das sciencias psicologicas, philologicas e historico-geographicas;

b) Faculdades destinadas a ministrar habilitações profissionaes —*Faculdade de Direito* e *Faculdade de Medicina;*

c) Escolas de applicação—*Escolas de Pharmacia* e *Escola Normal Superior*, respectivamente annexas á Faculdade de Medicina e ás Faculdades de Sciencias e Letras.

Universidade de Lisboa

Art. 4.º—A nova Universidade de Lisboa é constituida:

a) Por um nucleo de ensinos puramente scientificos—uma *Faculdade de Sciencia* compreendendo as sciencias mathematicas, phisico-chimicas e historico-naturaes, e uma *Faculdade de Letras,* compreendendo as sciencias psicologicas, philologicas e historico-geographicas;

b) Por uma Faculdade de *Sciencias Economicas e Politicas*;

c) Por Faculdades destinadas a ministrar habilitações profissionaes—*Faculdade de Medicina* e *Faculdade de Agronomia;*

d) Por Escolas de applicação—*Escola de Pharmacia*, annexa á Faculdade de Medicina, *Escola Normal Superior*, annexas ás Faculdades de Sciencias e Letras, e *Escola de Medicina Veterinaria.*

Universidade do Porto

Ar.t 5.º—A nova Universidade do Porto comprehende:

a) Uma Faculdade de Sciencias mathematicas, psico chimicas e historico-naturaes—*Faculdade de Sciencias;*

b) Uma *Faculdade de Medicina* e uma *Escola* annexa *de Pharmacia;*

c) Uma *Faculdade de Commercio*, que fornecerá habilitações para a direcção superior dos estabelecimentos de credito, bancos, seguros, emprezas industriaes e financeiras, etc., e que será fundada de harmonia com as disposições expressas no artigo 6.º d'este decreto.

Art. 6—O quadro das universidades completar-se-ha opportuna e progressivamente pela criação de Faculdades de sciencias applicadas ou escolas tecnicas, para os differentes ramos da engenharia, commercio e industria, na razão dos recursos do thesouro, do desenvolvimento das universidades e das necessidades economicas, geraes ou especiaes.

§ unico. As escolas tecnicas serão instituidas e custeadas com o concurso do Estado, das Universidades, dos municipios, associações commerciaes e industriaes das circumscripções universitarias.

Retificação—Na relação dos nomes dos individuos que subscreveram para a compra de mobiliario da Escola de Loure, e que vieram publicados num dos numeros anteriores d'este jornal, não incluimos, por lapso, o nome do nosso prezado assignante sr. Antonio Nunes d'Abreu que subscreveu com 500 reis. Que elle nos desculpe a involuntaria falta.

Memorias do Mata Carochas—Em 1906 ou 1907 vimos annunciado nos jornaes um livro com o titulo que nos serve de epigraphe. O nome não nos despertou curiosidade e estivemos até ha poucos dias sem saber do que elle tratava. Por acaso veio-nos parar ás mãos, na ultima semana. Logo ás primeiras paginas nos interessou e lêmo-lo d'um folego, como soe dizer-se. E' bem escripto, com espirito e com verdade. Para que os nossos leitores possam d'elle fazer ideia, publicamos, em folhetim, um dos seus capitulos, que trata do celebre Patagonia, mestre de latim, que conhecemos apenas por tradição mas que alguem da casa conheceu *de visu* e que nos diz que o retrato está de primeira ordem.

A mendicidade—O sr. governador civil acaba de dirigir a todos os cidadãos que julga interessarem-se pela solução do problema da mendicidade nas ruas, que tantos inconvenientes traz comsigo, o seguinte:

Convite

Desejando proceder-se pelo Governo Civil á regulamentação e fiscalisação da mendicidade n'este concelho, de modo a assegurar maior protecção aos necessitados —abrangendo muito especialmente aquelles que pela sua peculiar situação não usam recorrer publicamente á caridade dos cidadãos—e desejando mais obstar-se aos inconvenientes sanitarios, sociaes e moraes, que resultam da mendicidade ostensiva, quando não profissional, por vezes.

Sendo conveniente, para servir de base a todo o trabalho da Commissão para este fim nomeada, proceder-se ao censo dos que necessitam realmente de ser soccorridos, bem como á organisação da lista dos cidadãos bemfeitores, que habitualmente soccorrem os pobres, e outros que a esta medida de hygiene social e benemerencia se queiram associar, e a quem a Commissão mereça a confiança para receber os seus obulos e distribuil-os nos domicilios, obedecendo ás suas indicações.

Attendendo a que só d'este modo se poderá reprimir a mendicidade profissional e ostensiva, em nada prejudicando os necessitados e antes dispensando-lhes maior somma de cuidados e recursos, aproveitando ao mesmo tempo os bemfeitores pelo allivio que da organisação de um tal serviço lhes advirá.

Convido todos os cidadãos, verdadeiramente amigos da sua terra, a collaborarem nesta cruzada, enviando á Commissão nomeada para remediar o problema da mendicidade nesta cidade, com séde no Governo Civil, ou ao Commissariado de Policia, indicações sobre:

a) Individuos ou familias que julguem dignas de serem soccorridas;

b) indicações de nomes e das quantias ou generos ou artigos de qualquer natureza com que se dignem subscrever, e individuos a que os destinam;

c) todo e qualquer alvitre que julguem mais concorrer para melhor effectividade d'esta medida.

Logo que se consiga obter uma somma de soccorros sufficiente para, addicionada á verba que para esse fim existe no Governo Civil, assegurar aos necessitados, devidamente reconhecidos, uma protecção ou subvenção sufficiente, será prohibido o exercicio ostensivo da mendicidade n'esta cidade.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 18 d'abril de 1911.

O Governador Civil,

Rodrigo Rodrigues.

NOTICIAS PESSOAES

Délivrance

Deu á luz uma galante creança do sexo feminino a sr.ª D. Laura Taborda, dedicada esposa do nosso presado amigo e conterraneo sr. Vicente de Magalhães Taborda, considerado commerciante da Praça do Porto. Desejâmos para a recem-nascida uma vida cheia de felicidades.

Doentes

Tem passado bastante incommodado o nosso querido amigo e collaborador sr. Angelo Vidal, que, por isso mesmo e com grande desgosto nosso, não tem podido retomar o seu posto neste jornal. A sua secção exige muito bom humor e este só se póde ter quando a vida nos corre serena, ou quando, ao menos, ha saude.

Felizmente, o distincto professor tem sentido algumas melhoras, o que muito estimâmos.

—Tambem tem passado incommodado, mas encontra-se melhor, o nosso bom amigo e conterraneo, sr. Sebastião Gomes de Magalhães residente no Porto. Desejamos-lhe, de todo o coração, completo restabelecimento.

Partidas e chegadas

Partiram para Lisboa, onde vão tratar dos seus negocios, o nosso presado conterraneo o digno vereador da Camara Municipal d'Aveiro sr. Sebastião Pereira de Figueiredo, e o seu cunhado sr. José Maria Soares Pereira.

—Com a sua esposa e filhinhos regressou de Barreiro (Lisbôa) o nosso bom amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

—Depois de se ter demorado alguns dias entre nós, regressou ao Estoril o nosso presado conterraneo snr. Innocencio Coelho de Magalhães.

—Seguiram para Aveiro os srs. João de Pinho Brandão, Evaristo Mascarenhas e Manuel Dias de Carvalho; para Coimbra, Edmundo Coelho de Magalhães; e para Lisboa, José Afreixo, todos estudantes de instrucção secundaria.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 20

A cidade anda alarmada com tantas desordens e assassinatos. No domingo, na travessa de Santo Amaro n.º 13, um empregado da casa da moeda matou á facada a sua infeliz companheira, natural de Canellas, freguezia de S. Miguel de Poiares, conselho de Peso da Regoa, e não Canellas, conselho de Estarreija, como ao principio se suppoz. O assassino chama-se Basilio d'Amorim que declarou á policia que o seu crime foi determinado por ataque de loucura que o acommetteu nessa occasião.

O assassino, em seguida á perpetração do crime, tentou suicidar-se, por meio de enforcamento, não se consumando o acto por a corda haver partido. Ainda fez uma segunda tentativa, ferindo-se com uma faca no pescoço. Do ferimento jorrava muito sangue e, talvez para o estancar, embrulhou o pescoço com uma toalha.

Depois d'isto, lavou as manchas do sangue derramado pela sua victima e embrulhou-lhe o corpo numa colcha.

Os visinhos desconfiando de que se houvesse passado alguma coisa de gravidade, subiram a escada e bateram á porta. Abriu esta o assassino que, livido e d'olhos esgasiados, declarou a quem o procurava que a sua esposa estava morta no sotão.

Chamada a policia, esta tomou a resolução de transportar, em estado desesperado, a pobre victima para o hospital.

—No Campo Grande um «chaufeur» matou um pobre trabalhador, por causa, de questões de jogo. O assassino fugiu, apoz o crime, mas foi hoje preso na «garage» da Avenida da Liberdade, onde estava escondido detraz d'um armario.

—No domingo morreram, afogados no Tejo, 4 homens que, com mais 2 que se salvaram se dirigiam em viagem de recreio, para Sacavem.

—Têm estado n'esta cidade de visita ao nosso amigo Baeta Junior e familia o seu primo e sogro Joaquim Nunes Baeta e esposa, que já retiraram para S. João de Loure.—*Melicias,*

Troviscal, 23

A Commissão Administrativa Municipal mandou affixar placas no principio e no fim da rua Direita, d'este logar, denominando-a—rua de Jayme Pato—em homenagem aos serviços por este nosso conterraneo prestados á Patria na revolução de 5 de Outubro.

—Já retiraram para Coimbra os academicos d'esta freguezia que aqui vieram passar as ferias da Paschoa com suas familias.

—Com pouca demora, partiu esta manhã para Aveiro o sr. Manuel dos Santos Ferreira, do visinho logar da Povoa do Forno.—*Gil.*

Alquerubim, 18

O tempo que tinha melhorado um pouco, parecendo dar-nos dias proprios da epocha primaveril, arrependeu-se, e volta o frio acompanhado d'aguaceiros, o que está prejudicando muito a agricultura, continuando a falta de pastagens para os gados.

—Esteve aqui no domingo de visita a seu sogro, o sr. David José de Pinho, despachante da Alfandega do Porto. Acompanhavam-o os seus dois filhos, que o auxiliam no seu escriptorio, achando-se já aqui sua esposa com os outros quatro filhos, que ainda cá se conservam.—C.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Tinha por appellido:—o Patagonia—porque, quando estudante de geographia, dizendo o compendio que a Patagonia ficava no sul da America do Sul, elle percorreu todo o mappa, começando pelo norte e não a achou, exclamando:—*irra! é um diabo de um paizinho encanzinado, esta tal Patagonia!...* Os collegas o baptisaram logo e ficou.

Na mesma occasião estudando a Suissa, dizia o compendio:—Suissa, capital, *varias.*

Chamado o Simões, diz:—O compendio diz que a capital da Suissa é a cidade de *Varias,* mas o mappa não traz... Imaginem que galhofa dos collegas!...

Em mathematicas então é que não houve meio.—O diabo que a entenda, dizia elle; como é que —*a* —póde ser egual a—*b*—? Pois o—*b*—tem aquella forma comprida que não tem o—*a*—que é redondinho?

Duas cousas iguaes a uma terceira, são iguaes entre si... ora pistola, dizia o Simões! Eu sou amigo do Joaquim; o Joaquim é amigo do Gandaia... logo sou amigo do Gandaia, que não conheço, que nunca vi?!

Que vá para os quintos de rolhas a tal *mata-matica*, como elle dizia!

O Padre Simões era prégador perpetuo da festa de S. Sebastião, que se fazia no Jardim Botanico, ao ar livre. Prégava mesmo por um carro de esterco, como muito bem diz Trindade Coelho, e era para adubo de uma explendida horta que tinha e da qual a Michaela tirava farta renda com a venda de hortaliças.

O pulpito, collocado ao canto do Jardim, apoiado nas grades, era feito de uma pipa aberta por detrás, esquadrejada com sarrafos ligados formando quadrado, aos quaes se prendiam colchas de damasco e assim o pulpito ficava quadrado. Sendo a pipa mais alta que o Simões, deitavam-lhe dentro arêa até á altura da abertura por onde entrava o Simões, com o auxilio de uma escadinha de tres degraus.

Esta pipa era guardada n'uma vendinha, que ahi havia, e vinha para o lugar já prompta, com a competente arêa e escadinha.

Combinaram-se alguns estudantes, arregimentaram-se em torno da pipa e um d'elles, munido de um trado de carpinteiro, metteu-se por sob as colchas de damasco e deu tres furos ou quatro na circumferencia da pipa e tapou-os com rolhas de papel já amarradas em barbantes, de forma que, ao menor puxão sahiam e a arêa começava a correr. O sermão só começava ás $9^1/_2$, antes do fogo preso.

Subiu o Simões, começou o sermão e logo as rolhas foram tiradas. Do meio do sermão por diante, começou elle a sumir-se e já mal se lhe via a testa e a gaforina, ao concluir o sermão.

Foi tirado de dentro da pipa a escorrer em suor, e, furioso, gritou para o festeiro:—ou eu diminui, ou a pipa cresceu ou se enterrou pelo chão com o meu pezo, ou isto é bandalheira d'estes patifes que não sei o que vem aqui fazer! Irra! eu um dia faço um desacato... Palavras não eram ditas, quando rompeu estrondosa gargalhada e todos a gritarem com fala de mascarados: —*O' Simões, tu mingaste ou a pipa cresceu?*

Verificada a causa tiveram de mudar de pulpito; e nada de arêa, recommendava o Patagonia.

Quando houve o eclipse de 1861, foi por occasião dos exames.

A' hora marcada, estudantes e lentes armados de vidros enfumaçados começaram a sahir para ver o eclipse; o Simões, que não lia jornaes, que de nada sabia, perguntou aos companheiros que iam sahindo: —*Onde diabo vão vocês, homem?!* Vamos ver o eclipse, venha d'ahi, ande... Que clipo é esse, homem? Pois não podem deixar isso para o domingo? Os exames estão tão atrazados? Cahiram todos na gargalhada e remetteram o Simões ao sol, a ver se obtinha o adiamento.

Fugia dos veteranos, como o diabo da cruz; quando os rapazes o encontravam, era logo:—O' Simões, tu como vaes? Já achaste a Patagonia? Tu é que és mesmo um—*patacão*—maior que um Patagão. O Simões ficava fulvo de colera. D'estes o que mais troçava o Simões era o Carochas, que até de uma vez enfiou-lhe o braço e o Simões teve de refugiar-se no José Maria, do Largo da Feira, por onde nunca mais transitou e chamava-lhe:—*Lugar maldito!*

(Do *Mata Carochas*)

Dr. Antão de Vasconcellos.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, o ntendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para mo-el os calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, rna da Praia, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Nlaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇAO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instruccão Primaria, por A M. F.

3.ª edição. . . 100 reis

ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscripto das Escolas Primarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias — precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho---Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

ABC

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

—

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua crença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
» —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

4.º ANNO—N.º 17

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.